

Práticas culturais de quatro estudantes de Pedagogia

Darbi Masson Suficier

Doutorando em Educação Escolar – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP
Araraquara. darbimassonsuficier@hotmail.com

Luci Regina Muzzeti

Departamento de Didática – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP
Araraquara. luclirm@fclar.unesp.br

Alexandre Aparecido dos Santos

Doutorando em Ciências Sociais – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP
Araraquara. alexandre.sociais@hotmail.com

Resumo

A partir de quatro trajetórias de estudantes de Pedagogia provenientes de bairros periféricos e de famílias com baixa posse de capital cultural, analisa-se como esse grupo se relaciona com diferentes práticas culturais (cinema, literatura, música e artes visuais). Por meio de entrevistas semidiretivas, elaborou-se quatro perfis sociológicos que foram analisados tendo como referência a sociologia bourdieusiana e os conceitos de capital cultural e *habitus*. No decorrer do curso superior, as estudantes apresentaram dificuldades para a vivência no ambiente acadêmico. Suas práticas culturais possuem pontos de aproximação daquilo que é considerado legítimo (em música, literatura, dentre outros), ainda que ocorram de forma ocasional e não duradoura.

Palavras-chave: Estudantes. Pedagogia. Práticas culturais. Capital cultural.

Abstract

Based on four trajectories of Pedagogy students from peripheral neighborhoods and families with low cultural capital ownership, this group is analyzed as it relates to different cultural practices (cinema, literature, music and visual arts). According to semi-directional interviews, four sociological profiles were elaborated and analyzed based on bourdieusiana sociology and the concepts of cultural capital and *habitus*. During the course of higher education, the students presented difficulties in the academic environment. Their cultural practices have points of approximation of what is considered legitimate (in music, literature, among others), although they occur occasionally and not lasting.

Keywords: Students. Pedagogy. Cultural practices. Cultural capital.

Introdução

O trabalho apresenta a trajetória social de quatro estudantes de Pedagogia provenientes das camadas populares (oriundos de bairros periféricos e com baixa escolarização dos pais) e a relação estabelecida com as práticas culturais. O objetivo foi verificar a relação que as estudantes entrevistadas estabeleceram com diferentes práticas culturais (Bourdieu e Chartier, 2009; Coulangeon, 2014) como a literatura, a música, o teatro e as artes visuais. Tais práticas culturais são expostas por meio das saídas culturais, do consumo cultural, do gosto e pela sua procura/acesso. Para Coulangeon (2014, p. 19): “Junto com a propriedade e o consumo dos bens materiais, as preferências estéticas e as práticas culturais participam, nas sociedades modernas, dos ritos de identificação da vida sociais”. Assim, o presente trabalho não tem a intenção de hierarquizar ou mensurar os gostos das estudantes entrevistadas, mas de desvelar como suas práticas culturais se constituem de um importante aspecto de suas trajetórias pelo ensino superior. Além de suas práticas, as entrevistadas declaram suas preferências culturais, o que pode ser compreendido como os gostos, na acepção de Bourdieu (1983, p. 127-8):

[...] os gostos, entendidos como o conjunto de práticas e de propriedades de uma pessoa ou de um grupo são produtos de um encontro (de uma harmonia pré-estabelecida) entre bens e um gosto (quando digo "minha casa é do meu gosto", estou dizendo que encontrei a casa conveniente para o meu gosto, onde meu gosto se reconhece, se reencontra).

O autor conclui que: "Entre estes bens, é preciso incluir, com o risco de chocar, todos os objetos de eleição, de afinidade eletiva, como os objetos de simpatia, de amizade ou de amor" (Bourdieu, 1983, p. 128). Assim, faz-se necessário a inclusão na análise da relação estabelecida pelas entrevistadas com determinadas práticas culturais dos aspectos referentes as suas trajetórias sociais.

Por meio das particularidades da noção de trajetória (Montagner, 2007), como os movimentos e transformações vivenciadas pelas entrevistadas, construímos nossa análise distanciando-se da linearidade de uma abordagem biográfica. Tendo em vista que a noção de trajetória social – em que o indivíduo transita pelo espaço social – busca substituir a análise meramente biográfica pela análise sociológica, científica e metodologicamente pautada pela busca do entendimento da construção social do agente.

Conforme aponta Passeron (1995, p. 205), a abordagem biográfica não seduz pela ausência de sentido ou pela incoerência, mas, justamente, pelo “excesso de sentido e de coerência”, ou, segundo Bourdieu (2003, p. 75) “na preocupação de atribuir sentido, de encontrar uma razão, de descobrir uma lógica”.

O que se propõe, tendo como referência principal a origem social do agente, é a análise da trajetória social (Montagner, 2007). Segundo Bourdieu (2003, p. 81): “[...] a noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a transformações incessantes”; assim, se busca compreender esse trajeto que pode ser construído através do conjunto de relações sociais estabelecidas entre os agentes e os espaços sociais em que estes circulam. Para Bourdieu (2009, p. 7):

A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa (“superior”, “média” ou “inferior”) numa dada estrutura e um dado momento. O ponto da trajetória, que um corte sincrônico apreende, contém sempre o sentido do trajeto social.

Essa posição, relativa e mutável pelas experiências individuais e coletivas, nos revela um constante movimento, ou seja, essa trajetória é social, pois o agente transita por diferentes espaços, próximos ou distantes de sua realidade cotidiana e de seu local de origem. E assim, compreender que a percepção sobre os diferentes espaços sociais pode ser mutável conforme a trajetória social de cada agente. O ponto de partida para análise de uma trajetória social não corresponde a uma origem social estática como, por exemplo, a posição social familiar no momento do nascimento (local, posse de capitais, etc.), mas sim remete ao percurso de uma trajetória (a familiar) já em movimento.

Segundo Bourdieu (2004, p. 160), ao comparar o espaço social a um espaço geográfico, o espaço social tende a “funcionar como espaço simbólico”, ou seja, em que há diferentes grupos, que “são caracterizados por diferentes estilos de vida”. Uma vez que, dentre os diversos espaços sociais, há aqueles com maior ou menor fluxo de agentes de diferentes trajetórias e de diferentes locais de origem.

Por tanto é no espaço social que as diferenças sociais se constituem e se apresentam. Uma vez que “o espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos confusa” (BOURDIEU, 1997, p. 160), seria no espaço físico

(residência, local de trabalho, ambientes frequentados, etc.) que ocorreriam as diferenciações sociais que tendem a definir determinados papéis aos lugares.

Desvela-se assim uma dinâmica em que, conforme Bourdieu (1997, p. 165): “sob pena de se sentirem deslocados, os que penetram em um espaço social devem cumprir as condições que ele exige tacitamente de seus ocupantes”. Conforme aponta o autor “Mais geralmente, as surdas injunções e os chamados silenciosos à ordem das estruturas do espaço físico apropriado são uma das mediações através das quais as estruturas sociais se convertem progressivamente em estruturas mentais e em sistemas de preferência” (BOURDIEU, 1997, p. 162).

O deslocamento entre os diferentes espaços sociais exige que o agente, na concepção de Bourdieu (2002), apreenda as regras próprias dos novos espaços, pois, em seu espaço social de origem, o agente já incorporou, por vias diretas ou indiretas, essas regras. Para o autor “[...] o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*)” (BOURDIEU, 2003, p. 21). Assim, a trajetória social constituída como percurso pelos espaços sociais ocorre com a intermediação do *habitus*, enquanto sistema de disposições duráveis (2007).

Neste sentido, é por meio do processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade que o agente desenvolve, reproduz e reestrutura seu *habitus*. Portanto, para Bourdieu, a prática é:

Ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatidade pontual, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus* – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados. (BOURDIEU, 2013, p. 57-8).

E uma vez que a prática é o resultado do *habitus* e sua interação no espaço social diante de uma situação dada, as práticas culturais citadas neste trabalho (literatura, música, cinema, teatro e outros), assim como a relação estabelecida pelos agentes com

objetos, eventos ou informações culturais (legitimadas ou não), são analisadas enquanto resultado de um *habitus* em dado espaço social.

As trajetórias e seus aspectos sociais

Baseado em Costa e Lopes (2008), foram elencados um conjunto de aspectos das trajetórias para a elaboração de retratos sociológicos, aqui apresentados de forma resumida, por meio da definição de questões relacionadas aos três blocos de coleta e análise dos dados abaixo expostos. A análise da trajetória social individual implica a objetivação do *habitus* por meio de seus condicionantes e das disposições incorporadas pelo agente. A partir das pesquisas desenvolvidas por Bourdieu (1997, 2002, 2007), busca-se a origem social do agente através de aspectos relevantes das trajetórias dos pais e avós, como escolaridade e colocação profissional.

Nota-se também a relevância do espaço geográfico de origem (bairro/cidade) enquanto elemento que tende a determinar a colocação dentro do espaço social de origem, ou seja, ponto de partida para os outros espaços sociais frequentados. Também é no espaço geográfico de origem enquanto espaço social que o agente compartilha seus primeiros capitais, seja recebendo através da transmissão em forma de herança familiar (capital cultural e social), seja em forma de capital social provável, ou seja, a extensão das relações sociais do espaço além daquela herdada pela família (clubes, igrejas e outros locais de socialização).

Neste sentido, no presente trabalho é destacado o papel do capital cultural nas trajetórias e nas práticas culturais das estudantes entrevistadas. Bourdieu (2002, p. 73) aponta que criou o conceito de capital cultural enquanto uma hipótese com objetivo de: “[...] dar conta da desigualdade escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais”. Em sua definição, o capital cultural é encontrado em três diferentes estados:

[...] no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em sua relação ao certificado escolar, ela confere ao capital

cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2002, p. 74).

Com isso, compreende-se que o capital cultural se faz presente nas diferentes esferas da vida em seus três diferentes estados, bem como em todos os momentos da trajetória social. Além do capital cultural herdado, tem-se que o local de origem também tende a representar a posição do agente e sua família na esfera social enquanto fração de classe. Para esta pesquisa, ressaltam-se diversos aspectos sociais para a análise das trajetórias. Com isso, não se pretende restringir a interpretação dos dados coletados apenas pelos aspectos sociais aqui elencados, tendo em vista que a presença ou não desses aspectos depende exclusivamente da trajetória social de cada agente.

O levantamento de um conjunto de aspectos sociais, sejam eles conceituais ou não, faz-se necessário na construção dos instrumentos de coleta de dados, bem como na interpretação desses dados. Conforme apresentado abaixo, diversos aspectos sociais podem ser entendidos como parte de outro aspecto social, ou mesmo como o mesmo aspecto social apresentado de forma diversa. Isso se torna necessário pela confluência de alguns fatores da análise se repetirem em diferentes momentos e por haver aspectos da trajetória que não estejam convertidos em disposições duráveis (Nogueira e Nogueira, 2002).

As trajetórias das quatro estudantes em que nos detivemos para a realização deste recorte temático apresentam-se conforme os blocos de questões (Quadro 1) do roteiro de entrevista, que também se constituem dos principais pontos de análise.

Quadro 1. Blocos de questões

BLOCO A: TRAJETÓRIA	i) Origem social: renda familiar, locais de residência, escolaridade e profissão de pais e avós. ii) Participação familiar no percurso escolar.
BLOCO B: UNIVERSIDADE	i) Escolha e percurso acadêmico: escolha do curso, da profissão e vivências na universidade.
BLOCO C: CAPITAL CULTURAL	i) Capital cultural do agente e da família. ii) Espaços sociais frequentados. iii) Práticas culturais e gosto em literatura, a música, o teatro e as artes visuais.

Foi utilizado como referencial para a elaboração e execução de entrevistas semidiretivas o trabalho desenvolvido por Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1995), Costa e Lopes (2008) e Bourdieu (1997, 2007). A análise baseia-se na sociologia desenvolvida por Bourdieu (1983, 1997, 2002, 2007) e no trabalho de Coulangeon (2014). Vale ressaltar as palavras de Bourdieu (2009), para quem:

De fato, evidentemente, a mais elementar interrogação da interrogação sociológica ensina que as declarações concernentes ao que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito da legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende “o que é que eu leio que mereça ser declarado?”. Isto é “o que é que eu leio de fato de literatura legítima?”. Quando lhe perguntamos “gosta de música?”, ele entende “gosta de música clássica, confessável?”. E o que ele responde, não é o que escuta ou lê verdadeiramente, mas o que lhe parece legítimo naquilo que lhe aconteceu de ter lido ou ouvido. (BOURDIEU In: BOURDIEU e CHARTIER, 2009, p. 236).

Neste sentido, observa-se em algumas das respostas das entrevistadas apresentadas abaixo um relativo distanciamento com certas práticas e gostos que afirmam ter ou possuir; também se evidencia algumas formas de hierarquização dos bens ou práticas culturais.

BRUNA¹

Bruna tem 22 anos. Nasceu em um bairro periférico da cidade de uma grande cidade, local em que reside com a mãe, dona-de-casa, e duas irmãs, sendo uma professora e a outra universitária. Aos 4 anos, Bruna teve dificuldades com a fala. Conforme seu relato: “parei um pouco de falar, aí eu tive que fazer tratamento com a fono [fonoaudióloga]”. A família não recorreu a professores particulares, mas Bruna teve acompanhamento fonoaudiológico pelo convênio médico que a família possuía através do emprego do pai. A trajetória de escolarização de Bruna foi marcada por dificuldades que, para ela, foram consequências da separação dos pais. Bruna ingressou na pré-escola aos 5 anos de idade e não frequentou creches ou jardim da infância. Toda sua trajetória

¹ No presente trabalho os nomes das entrevistadas foram substituídos por nomes fictícios; outras informações foram omitidas ou apresentadas de forma genérica, mantendo assim os princípios do sigilo e do anonimato.

de escolarização ocorreu em estabelecimentos públicos de ensino. Na escola ela participava de atividades extracurriculares (vôlei, participação no jornal e na rádio da escola). Sua mãe frequentava as reuniões escolares e acompanhava boletins e cadernos. Para Bruna, a participação do pai na vida escolar das filhas se resumia a pergunta: “Está indo bem? Então está bom”. Os pais de Bruna não interferiram em suas escolhas escolares, assim como não questionavam, em momento algum, a autoridade do professor. Ela não possuía um local ou horário específico para estudar e que a melhor opção era a mesa da cozinha. Bruna havia planejado frequentar um ano de curso pré-vestibular, pois não se sentia preparada para as provas do vestibular. Ela tinha uma rotina de estudos em sua casa, pois se utilizava dos materiais do curso pré-vestibular comprados anteriormente por sua irmã mais velha. Questionada sobre o vestibular, ela diz que não estudou, pois a escola era “muito ruim, então passei sem ter estudado nada, não tinha ideia do que caía no vestibular, nada, nada, não sabia. O que eu sabia era que minha irmã mais velha tinha feito cursinho, aí eu estudava pelo material dela”. Bruna ingressou na universidade em 2008 através de vestibular realizado no final do terceiro ano do ensino médio. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, Bruna diz que:

É, eu tive um contato, uma relação com a escola, porque eu gostava muito da escola. Tinha aquela sensação de ‘eu não quero deixar a escola’. E eu tive exemplo de bons professores, porque eles representavam pra mim, eu também queria ser isso para outras pessoas. Aí eu escolhi Pedagogia. E também porque eu achava que trabalhar com crianças menores ia ser melhor pra mim, não escolher uma licenciatura pra ser professora. Eu pensei até em História, aí eu desisti.

No início do curso, sua principal dificuldade eram as leituras: “Era um tipo de leitura acadêmica. Você não está acostumado quando chega no primeiro ano, com aquela linguagem, aí a prova é diferente, tem que acostumar”. Sobre as dificuldades vivenciadas no interior do curso, Bruna diz que teve apenas com “as matérias de psicologia, que eu tinha que estudar além do que eu já estudava nas outras”. Ela relata que não participa das atividades extracurriculares, “só quando tem algum evento relacionado à Educação e eu participo também dos eventos da Pós [Graduação], às vezes”.

Dentre suas leituras preferidas, Bruna diz: “Eu lia bastante, antes de entrar na faculdade, que não tinha tanta coisa para ler, Machado de Assis, gosto de José de Alencar, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector”. Para ela, o seu distanciamento da literatura deve-se ao volume de textos acadêmicos que deve ser lido no interior do curso de Pedagogia. Bruna diz gostar muito de teatro, no entanto, ela diz: “frequentava, mas não com frequência, era às vezes”, assim como não declara interesse por um gênero ou autor preferido. Em cinema ela diz gostar de “quase todos os gêneros, menos o de terror” e que, na infância, frequentava sessões de cinema “quase toda semana” com sua família. Suas preferências musicais são pela MPB e pela música clássica, destacando também que gosta “um pouquinho de samba, não são todos, mas samba, assim, de raiz”. Na infância, o pai de Bruna levava as filhas ao Zoológico de São Paulo. Ela relata ter visitado um museu pela primeira vez aos 9 anos, com a companhia do pai e das irmãs. Sua família frequenta o SESC, local em que Bruna fez um curso de pintura e desenho e que frequentava as suas piscinas.

CÉLIA

Célia tem 23 anos, nasceu e reside em um bairro da periferia da cidade de São Paulo com os pais e uma irmã mais velha. Seu pai é pedreiro e já trabalhou em diversos locais e ocupações diferentes. Sua mãe possui um pequeno comércio. Seu pai assiste telejornal e sua mãe assiste a novelas e que, em sua casa, “a hora que a televisão fala, você fica quieto”. Segundo ela, seus pais não possuem lazer, pois eles “trabalham, trabalham e trabalham”. Uma vez ao ano a família viaja para visitar os familiares no Nordeste. Em sua trajetória de escolarização, Célia diz que não teve problemas de aprendizagem. Toda a sua trajetória de escolarização ocorreu em estabelecimentos públicos de ensino. Célia diz que era boa aluna e que possuía um bom relacionamento com professores e colegas de sala. A participação da mãe de Célia em sua vida escolar estava restrita a frequência às reuniões escolares, único momento em que tomava contato com o boletim escolar. Célia diz que seu pai é “distante” e que “até brincava e falava que meu pai não sabia nem quantos anos eu tinha, nem meu nome completo [risos]”.

Célia não sabe dizer qual era sua primeira opção na escolha do curso superior, pois gostaria de cursar Pedagogia e Psicologia. Conforme seu relato, cursar Psicologia é um objetivo futuro. Questionada se teve alguma dificuldade no início do curso, Célia

diz: “Eu tinha medo que eu achava que eles sabiam muito e eles sabem muito. E eu falava: meu deus”. Nesses primeiros meses do curso, Célia procurava passar despercebida durante as aulas. Diz ela:

Eu ficava abaixando a cabeça que tinha [silêncio] escondida no meio da galera para ninguém me ver, não fazer pergunta porque eu não ia saber de nada e eu me sentia... gente, eles sabem tanto, eu não sei nada, eu não vou conseguir saber, eu não vou conseguir. Eu ficava meio bitolada, assim, que eu tinha que... Então, eu todo dia lia os textos.

Sobre o vocabulário dos professores, Célia diz que tinha dificuldades para entendê-los no início do curso, mas que os próprios professores, por serem, conforme suas palavras, “didáticos”, auxiliavam os estudantes a superarem essa dificuldade. Sobre as leituras do curso, ela diz que “tinha dificuldade também”, mas que seguia a recomendação de um dos professores que dizia para “ler quatro vezes cada texto”. Diz ela que: “então aí você entendia o texto porque você tinha que dobrar ele todo. Aí foi indo”. Nos dois primeiros anos do curso Célia foi bolsista na área de apoio acadêmico, sem vínculo de orientação. Como bolsista de um projeto de extensão com vínculo de orientação, Célia diz frequentar os eventos acadêmicos que ocorrem na faculdade e que: “Hoje eu vou, mas também como eu acordei meio tarde, então tem pouca coisa agora e o tempo, às vezes, não dá, porque eu tenho estágio de manhã, aula à tarde e as coisas do projeto de extensão, o trabalho fazer a noite”. Ela diz que não lê todos os textos dos programas das disciplinas, mas que possui boas médias. Sua leitura preferida são os livros de temática espírita.

Dentre suas preferências musicais, Célia diz gostar de MPB, mas que é “aberta a outros tipos”, mas não demonstra preferência por músicos ou compositores. Ela relata ter assistido a uma peça de teatro “no ano passado”, mas que é “muito caro”. Diz frequentar “sempre” o cinema e gostar “dos filmes bobos [risos]”, demonstrando predileção por filmes de comédia. A família de Célia frequenta semanalmente a igreja Católica, na qual ela participou durante a adolescência de diversas atividades, inclusive ensinando crianças menores. Diz ela: “É, que era um programa assim: criança evangelizando criança, então eu era um pouquinho mais velha, eles eram um pouquinho menores. A gente, depois eu dei catequese um tempo”. Ela diz não assistir a televisão, pois é “muito entediante”.

DEISE

Deise tem 32 anos e trabalha em uma instituição educacional. Reside em uma cidade de médio porte com a mãe, dona-de-casa, e o pai, pequeno comerciante. Seus irmãos são casados e residem na mesma cidade. Ela ingressou na escola na primeira série aos 7 anos, não tendo frequentado creches ou pré-escola. O mesmo ocorreu com seus irmãos, como imposição do pai. Todo o seu percurso escolar ocorreu em estabelecimentos públicos de ensino. Na escola, Deise não participava de nenhuma atividade extracurricular. Ela relata que praticava vôlei e participava de algumas competições esportivas, mas que era impedida pelo pai de participar de competições em outras cidades. A mãe de Deise frequentava as reuniões escolares, mas não acompanhava a realização de tarefas. Segundo ela, a mãe apenas perguntava “se tinha alguma coisa”, pois “ela também não sabia”. Para a realização das tarefas escolares, Deise recebia o auxílio de seu irmão mais velho. Além de auxiliar nas atividades escolares, o irmão mais velho de Deise é apresentado por ela como um modelo. Por dois anos frequentou as aulas de um cursinho pré-vestibular comunitário. Sobre a importância do curso pré-vestibular popular, Deise diz que não teria conseguido a aprovação sem a disciplina de estudos ensinada pelos seus professores. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, Deise diz: “Acho que pelo fato de já querer ser professora, eu fui atrás para saber quais eram os cursos que me davam essa oportunidade de exercer a profissão”. O percurso de Deise dentro da universidade foi marcado pelo estranhamento inicial e pelo distanciamento da vida acadêmica. Por trabalhar durante o dia e ir à universidade no período noturno apenas para frequentar as aulas, Deise não participa dos eventos acadêmicos ou qualquer outra atividade oferecida pela universidade.

Adiante, Deise diz que “estava sendo muito difícil” e que pensou que “não ia conseguir terminar de fazer”. Ela diz que, em certo momento do curso, pensou em desistir, mas que sua mãe a demoveu da ideia. Sobre os textos e o vocabulário dos professores ela diz que teve dificuldade, pois eram “muitas palavras que eu não conhecia, que eu não sabia o que significava”. Conforme seu relato: “não sabia nem quê que era o que eles estavam falando”. Sobre seu rendimento no interior do curso, Deise diz “que não é ótimo, mas eu estou dentro do padrão”. Ela diz ler todos os textos do curso e tirar as dúvidas com os professores em sala de aula. Questionada se teve dificuldades de interpretar os textos, ela diz: “Isso, de entender o que o texto estava querendo passar. Às

vezes, assim, eu tinha a dificuldade na leitura, mas quando o professor ele explicava, eu conseguia entender”.

Deise diz gostar de literatura infantil e aponta a escritora Ana Maria Machado como sua preferida. Ela frequenta pouco o teatro e diz não possuir nenhuma preferência. Diz gostar de ir ao cinema, mas frequenta pouco por não ter disponibilidade de tempo. Ela prefere as comédias românticas. Entre suas preferências musicais, Deise diz: “Eu sou eclética, eu gosto de, assim, tipo, ouço Djavan, eu ouço Paula Fernandes, eu ouço Titãs, ouço Renato Russo, então, assim, coisa bem de estilo diferente”. Em sua casa teve contato com jornais e revistas através de seu irmão mais velho que, mesmo depois de casado, comprava e levava para que ela os lesse. Questionada se assiste televisão, ela aponta dois programas humorísticos e um de variedades como seus preferidos. Não possui preferências sobre pintura. Relata que sua família não viajava e não era sócia de clubes. Sua família sempre frequentou a igreja católica, tendo inclusive sido coroinha por dois anos e feito crisma e primeira comunhão, mas que nunca participou das atividades da igreja.

ELISA

Elisa tem 22 anos e reside em uma cidade de médio porte com seus pais e um irmão adolescente. Seu pai é vendedor e sua mãe é funcionária pública municipal. A trajetória de escolarização de Elisa iniciou-se aos 2 anos em uma creche particular que, nesse período, encerrou suas atividades. Assim, ela foi transferida para uma creche pública em seu bairro. Elisa ingressou na primeira série aos 7 anos em uma escola pública, ao qual permaneceu até a quarta série. A quinta série foi realizada em outra escola pública. Ela foi aprovada em um processo seletivo para bolsa em uma escola particular e fez todo seu ensino médio como bolsista. A mãe de Elisa participava de sua vida escolar frequentando as reuniões escolares, olhava seus boletins e cadernos. Sua mãe verificava seus cadernos escolares todos os dias e auxiliava nas tarefas até a sexta série. Depois dessa série, Elisa diz que sua mãe parou de lhe auxiliar, pois “ela também não sabe muito”. O pai de Elisa pouco acompanhava sua vida escolar. Ela relata que frequentava semanalmente a biblioteca municipal para realizar os trabalhos escolares. Elisa diz que não possuía um local ou horário específico para estudar. Ela prestou vestibular ao término do ensino médio e, depois, após frequentar um ano de um curso

pré-vestibular popular. Para ela, o curso pré-vestibular foi importante “porque eu gostava de lá e eu consegui estudar bastante, eu consegui entender bastante”. Ela diz que não fez o curso pré-vestibular na escola privada porque não queria continuar estudando lá, mas também porque não teria como pagar as mensalidades. Assim, depreende-se que as escolhas de Elisa foram reduzidas em dois momentos: primeiramente, por não se achar capaz de concorrer ao curso que era sua primeira opção e, em um segundo momento, por não poder concorrer em outras universidades públicas por exigência de sua mãe. Questionada sobre o porquê da escolha do curso de Pedagogia, ela diz: “Eu achava muito difícil prestar química, passar, eu não queria mais fazer cursinho e aí eu, assim, eu sempre gostei de estudar, sempre tive boas notas, gostava e aí, vamos tentar”. Elisa relata um estranhamento no início do curso e diz que, em seu primeiro ano, não teve nenhuma dificuldade com os textos ou o vocabulário dos professores. No segundo semestre do curso, ela diz que seu comportamento em relação ao curso e a faculdade mudou. A partir do segundo ano do curso, ela ingressou como não bolsista em um projeto de extensão. Em seguida tornou-se bolsista de iniciação científica, participando de eventos acadêmicos. Elisa diz ter preferência pelas disciplinas teóricas e que não gosta das atividades práticas, como os estágios obrigatórios do curso. Dentre suas preferências culturais, Elisa diz:

Eu gosto de literatura, por exemplo, que eu li bastante, bastante, bastante, eu já li Iracema, eu já li, tipo, os livros do vestibular. Li o Primo Basílio, li Machado de Assis, é o, como chama, que tem o Bentinho, como chama? Aí, li tanto, li o Cortiço que eu gostei bastante, li muitos, nossa. Li os Miseráveis que eu gostei bastante.

Em música, ela aponta a influência de seu tio, que sempre lhe recomendou que ouvisse determinados artistas. Suas preferências são por: “Adriana Calcanhoto, Ana Carolina, Djavan, Nando Reis, Cássia Eller, o que mais? Eu gosto de Zeca Baleiro, eu gosto, que mais?”. Elisa diz não frequentar o teatro e que gosta de filmes franceses, não apontando preferência por nenhum diretor. Diz que não assiste televisão e que gosta de “alguns quadros do Van Gogh”.

Considerações finais

Como vimos, na acepção teórica de Bourdieu (2007), a prática é compreendida como o produto da relação dialética entre o *habitus* e uma situação. Assim, para a compreensão das práticas culturais dos estudantes aqui apresentados, buscou-se a relação entre seus *habitus*, do qual ressaltamos a origem social e as possibilidades que tiveram para entrar em contato com eventos e bens culturais. Nesse sentido, apresentamos abaixo, o capital cultural institucionalizado (2002) dos familiares dos estudantes.

Quadro 2. Capital cultural institucionalizado dos familiares

	BRUNA	CÉLIA	DEISE	ELISA
Pai	Ens. Fund.	Frequentou a escola*	3ª série do Ensino Fundamental	Nível superior incompleto
Mãe	4ª série do Ensino Fundamental	Frequentou a escola*	2ª série do Ensino Fundamental	Ensino Médio completo
Irmão A	Nível superior	Nível superior	Nível superior	Ensino médio cursando
Irmão B	Nível superior	-	Nível técnico	-
Irmão C	-	-	Nível técnico	-
Avô paterno	Frequentou a escola*	Nenhum	Nenhum*	Não sabe
Avó paterna	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Não sabe
Avô materno	Não sabe	Nenhum	Nenhum	Ensino Médio completo**
Avó materna	Não sabe	Nenhum	Nenhum	Não sabe

*Sabe ler e escrever. **Curso supletivo.

Os pais de Bruna, Célia e Deise possuem baixo capital cultural institucionalizado, não ultrapassando o ensino fundamental completo (Bruna). Em suas famílias, as atividades e práticas culturais, bem como o lazer, são realizados de forma esporádica, como visitas ao zoológico e museus (Bruna), viagem familiar anual (Célia) e leitura de jornal e revistas (irmão de Deise). Elisa, filha de mãe com ensino médio e pai que não concluiu o nível superior, recebeu influências do tio, que a incentivava a conhecer um conjunto de cantores populares.

Assim, as práticas culturais (saídas culturais, leitura, aprendizado de uma atividade cultural, dentre outras) que mencionam de forma superficial ressaltam sua

eventualidade, ou seja, não são práticas contumazes em suas rotinas. Provenientes de ambientes familiares com baixa posse de capitais econômico e cultural, procuram se relacionar com a cultura legítima como forma de aprendizado profissional visando suas práticas enquanto futuras professoras. Mesmo Elisa, que vivencia o ambiente universitário (frequência à biblioteca, participação em eventos, grupo de pesquisa e iniciação científica), possui um comportamento por demais escolar (“eu dormia com os textos do lado porque eu dormia lendo os textos e eu gostava muito”).

O presente trabalho apresenta uma breve discussão sobre a relação entre a origem social e as práticas culturais. Com este trabalho não se pretende hierarquizar os objetos, artistas ou práticas culturais, antes sim busca se demonstrar como e de que forma a trajetória social reflete na prática de cada um dos agentes, com o intuito de desvelar como essas práticas, frutos do *habitus* de uma determinada fração de classe e de uma situação específica que é o acesso ao espaço acadêmico, contribuem para a construção do presente no cotidiano dessas universitárias. Destaca-se a particularidade de cada agente e, por consequência, a singularidade de suas práticas em relação à formação acadêmica em Pedagogia. Tal constatação nos remete vislumbrar, dentro de um campo dos possíveis, as singularidades nas futuras práticas pedagógicas de cada uma destas universitárias.

Compreende-se que, as práticas culturais do grupo pesquisado tendem a se constituir de uma ação intencional de se aproximar ou mesmo buscar o acréscimo do capital cultural por meio da fruição de bens culturais legítimos.

Referências

BOURDIEU, P. (Org). *A miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Escritos de Educação* (Pierre Bourdieu). NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Orgs). Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2003.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk; São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. MICELI, S. (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. ORTIZ, R. (Org). São Paulo: Olho d'Água, 2013.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. A metamorfose dos gostos. In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COSTA, A. F; LOPES, J. T. (Coord.). *Os estudantes e os seus trajectos no ensino superior: Sucesso e Insucesso, Factores e Processos, Promoção de Boas Práticas*. Relatório Final, CIES-ISCTE, IS-FLUP. 2008. Disponível em: <<http://etes.cies.iscte.pt/pub.html>>. Acesso em: 23 abr 2016.

COULANGEON, P. *Sociologia das práticas culturais*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 17, Jun. 2007.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 78, p.15-36, abril 2002.

PASSERON, J. C. *O Raciocínio Sociológico*. Petrópolis: Vozes, 1995.

POIRIER, J; CLAPIER-VALLADON, S; RAYBAUT, P. *Histórias de vida: teoria e prática*. Oeiras: Celta, 1995.